

Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman

(Using socio-interactional methodology to investigate
Language teachers: Goffman revisited)

Adail Sebastião RODRIGUES JÚNIOR
Universidade Federal de Minas Gerais

ABSTRACT: Since the 1950s, sociological inquiry has witnessed the growth of Interactional Analysis and its importance to Anthropology, Social Psychology, Psychiatry, Discourse Analysis and Sociology itself. Centered around Goffman's theoretical and methodological thematic issues, this essay briefly presents Goffman's influence on Sociolinguistic research, given that the latter's several tried-and-tested methods are built upon most of the topics Goffman developed throughout his academic career. Essentially, Sociolinguistic methodological tools, more precisely group sessions and participant observation, are considered here reliable instruments to analyze spontaneous talk during face-to-face interaction with Language teachers or informants. Since group sessions and participant observation are useful methods to investigate how language is used as a meaning-making mechanism within educational settings, this essay aims at suggesting some techniques to research how Language may

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

teachers or informants have a good grasp of their educational practices. Therefore, the first part of this essay is a succinct review of Goffman's commonest studies, followed by his theoretical evolving, his contributions to Educational research, some applications to school ethnography, and final commentaries.

RESUMO: Desde os anos cinqüenta, as perquirições sociológicas têm presenciado o desenvolvimento da Análise Interacional e sua importância para a Antropologia, Psicologia Social, Psiquiatria, Análise do Discurso e para a própria Sociologia. Centrado nos aspectos teóricos e metodológicos desenvolvidos por Goffman, este ensaio apresenta a influência das teorias Goffmanianas sobre a Sociolinguística, uma vez que seus métodos são aplicados com base em vários tópicos que Goffman desenvolveu durante sua carreira acadêmica. Sobretudo, as ferramentas metodológicas da Sociolinguística, mais precisamente a sessão de grupo e a observação participante, são consideradas, neste ensaio, instrumentos confiáveis para a análise de fala espontânea em interações face-a-face com professores de línguas. Dado que a sessão de grupo e a observação participante são métodos úteis para investigar como a linguagem é usada na criação de significados dentro de contextos educacionais, este ensaio tenta sugerir algumas técnicas de pesquisa que investiguem como professores de línguas compreendem suas práticas docentes. Portanto, a primeira parte deste ensaio faz uma revisão sucinta dos principais trabalhos de Goffman, seguido de sua trajetória teórica, sua contribuição para a pesquisa em educação, algumas aplicações ao método da etnografia da escola e comentários finais.

ADAIL RODRIGUES JÚNIOR

KEY-WORDS: language teaching, group sessions, participant observation, field work, school ethnography, face-to-face interaction.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de línguas, sessão de grupo, observação participante, trabalho de campo, etnografia da escola, interação face-a-face.

INTRODUÇÃO¹

Desde seu trabalho de Mestrado pela Universidade de Chicago, no ano de 1949, intitulado “Some Characteristics of Response to Depicted Experience”, Erving Goffman vem incomodando e, ao mesmo tempo, enriquecendo as pesquisas sociológicas. O incômodo surgiu do fato de que Goffman, afastando-se declaradamente das preocupações teóricas de sua época em torno de exaustivas análises macrosociais, chamou a atenção para a necessidade premente de se investigar interações face-a-face. Segundo ele, os fenômenos sociais se manifestam nas relações entre indivíduos, em encontros sociais que representam, em sua essência interacional, as estruturas sociais, culturais e políticas da sociedade à qual os interlocutores pertencem.

Em virtude disso, Goffman preocupou-se, sobretudo, com as micro-análises de eventos em que indivíduos se localizavam frente uns aos outros, num espaço por ele denominado *territorialidade interacional* (Goffman, 1971). Inaugurou-

¹ Sou grato a Cristina Magro (FALE/UFMG) e Edegar Amaral Cavalcante (FAE/UFMG) pelas valiosas sugestões a versões anteriores deste ensaio.

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

se, portanto, uma nova metodologia de análise dos fenômenos sociais, sobretudo aqueles fenômenos observáveis também através de técnicas etnográficas de pesquisa. O próprio Goffman (1967, p.2) advoga que seus estudos interacionais “estão focados num aspecto geral de interesse dos etnógrafos, sendo alvo de constante consideração”². Seguindo a tradição de Malinowski, Goffman residiu durante um ano em uma das ilhas menores do arquipélago de Shetland, Escócia, colhendo material etnográfico e interacional para sua tese de doutorado³, através da observação participante em uma comunidade agrícola (lavoura de subsistência) desta ilha. Com este trabalho, Goffman traz à baila dos estudos etnográficos a necessidade de não apenas descrever a cultura observada, mas, sobretudo, de se analisar a interação social dos sujeitos observados como forma de construção de significado através do uso da linguagem.

Neste ensaio, pois, pretendo traçar a relação entre as teorias Goffmanianas e o Ensino de Línguas. A tentativa aqui é de correlacionar Goffman aos métodos de pesquisa etnográfica denominados *sessão de grupo* (Labov, 1972; Wolfson, 1997) e *observação participante* (Clifford, 1998; Gillhan, 2000; Machado, 1998; Nicolau, s/d., Silva, 2000), que podem ser utilizados em interações face-a-face com profes-

² Minha tradução livre de: “... focus on one general issue that remains of interest to the ethnographer and will always have to receive some consideration” (Goffman, 1967, p.2).

³ GOFFMAN, E. *Communication Conduct in an Island Community*. Tese inédita de Doutorado. Chicago: Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, 1953.

ADAIL RODRIGUES JÚNIOR

sores de línguas (informantes)⁴ em discussões que problematizem variados aspectos de suas práticas docentes e suas conseqüentes reflexões. Antes disso, no entanto, faço uma breve resenha dos principais estudos de Goffman, articulando-os com os métodos etnográficos de pesquisa em escolas e suas relações com os variados discursos existentes no contexto educacional.

REVISITANDO GOFFMAN

A principal noção que subjaz aos estudos de Goffman, como sublinha Branaman (1997, p.xlvi), é a de que o *eu* do indivíduo, ou ator social, é um elemento socialmente construído. Ao sistematizar as teorias Goffmanianas em quatro fundamentais aspectos, Branaman (ibid.) esclarece que o primeiro aspecto demonstra a essência performática do *eu* que os atores sociais imputam à interação com outros interlocutores. O segundo aspecto indica que a capacidade do indivíduo em manter um grau de respeitabilidade de seu *eu* frente a outros interlocutores depende do acesso que aquele indivíduo tem às normas ou regras sociais da cultura dominante. O terceiro aspecto indica a concepção que Goffman possui sobre a natureza da vida social, em cujas análises este eminente sociólogo e antropólogo utilizou diversas metáforas para se referir aos eventos do cotidiano, tais como, teatralidade, jogos, dramas,

⁴Embora a definição de *informante*, segundo Spradley (1979, p.25), esteja relacionada a “falantes nativos” de uma determinada região, utilizo este termo como sinônimo de *professores colaboradores*. Conforme Spradley (ibid., p.25), “os etnógrafos trabalham junto com os informantes a fim de produzirem uma descrição cultural” (minha tradução). Assim, informantes são, na verdade, colaboradores (cf. Kleiman, 2002).

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

dentre outras, que sinalizam o aspecto performático da vida social. O quarto aspecto que Branaman nos lembra é o fato de que, para Goffman, a experiência social é governada eminentemente por “enquadres” (*frames*)⁵, cuja relevância está exatamente em demonstrar que os eventos, ações, performances e os *eus* não representam significados *per se*, mas dependem dos enquadres para co-construírem e representarem significados culturais através da linguagem em uso. Estes pontos teóricos permearam a carreira acadêmica de Goffman, sendo, portanto, útil explorá-los um pouco mais.

Em seu primeiro livro, *The Presentation of Self in Everyday Life*, Goffman (1959) preocupou-se em descrever, com detalhes, a capacidade de expressão social dos indivíduos, por intermédio de uma ação comunicacional com intenções previamente calculadas e que, ao mesmo tempo, surgiam no decorrer da interação. A idéia central desta obra é demonstrar que o *eu* interacional é um misto resultante, de um lado, da interação em que o indivíduo participa e, de outro, de sua própria vontade em participar de um evento social com o intuito de constituir significados e alcançar seus objetivos comunicacionais. Nesta mesma obra, Goffman define interação como o cenário estabelecido pelos interactantes, em que estes têm oportunidade de enunciar diferentes opiniões, atentando para os aspectos prosódicos (tom de voz), lexicais (vocabulário) e textuais (argumentação) da linguagem em uso. Percebe-se, aí, a relação intrínseca entre as teorias Goffmanianas e a Lingüística, mais especificamente a Sociolingüística Interacional (cf. Gumperz, 1982/2002).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Goffman (1967, p.1) apresenta, de maneira mais sistematizada, o enfoque

⁵ Sigo Ribeiro & Garcez (2002) para a tradução de frame.

de suas pesquisas. Segundo ele, o centro de suas micro-análises está na observação dos gestos, olhares, posicionamentos e verbalização dos participantes de um encontro social enquanto em co-presença física uns perante os outros. Em um de seus ensaios mais famosos, “On Face Work” (1967, p.5-45), Goffman afirma que cada indivíduo está imbuído de uma face, ou seja, um valor social positivo que cada indivíduo requisita para si enquanto em interação face-a-face com outros indivíduos. Neste trabalho, as noções de cortesia, deferência, discrição, parcimônia, escusas, etc. ganham importância, sendo condições indispensáveis para as relações sociais entre os interlocutores. Essencialmente, ao descrever a função social que as *faces* dos interlocutores executam, Goffman esclarece que a natureza universal humana está relacionada às regras morais de uma dada sociedade, tendendo, pois, a se tornar uma construção social.

Refletindo acerca desses posicionamentos analíticos em que Goffman se debruçou durante toda sua carreira acadêmica, um ponto parece evidenciar-se claramente em suas reflexões: a noção de contexto. Em seu artigo “The Neglected Situation”, Goffman (1964) esclarece que todo significado é situado, contextual, assegurando que o contexto deve ser compreendido como uma produção/criação conjunta de todos os envolvidos na interação, renovando-se e recriando-se a cada momento em que novos temas e/ou assuntos são invocados pelas necessidades interacionais dos interlocutores. É neste marco empírico de análise de eventos sociais estabelecidos face-a-face que encontramos a famosa pergunta dos antropólogo-lingüistas: “o que está acontecendo aqui e agora nesta situação de uso da linguagem?” (Ribeiro & Garcez, 2002, p.7).

Numa tentativa de expandir a noção de contexto, Goffman (1974), baseando-se em Bateson (2002), escreve um

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

extenso ensaio sobre a influência do contexto na organização da experiência interacional dos interlocutores. Em sua obra *Frame Analysis*, Goffman entende enquadres como uma metáfora tangível para se compreender o que inúmeros sociólogos denominam “conhecimento prévio”, “contexto”, “situação social”. Enquadres, assim, são estruturas sociais reconhecidas pelos interactantes, numa relação dinâmica de construção de significados, tendo como principal lócus de expressão os aspectos semióticos da comunicação humana, em relação íntima com a linguagem. Desta maneira, os enquadres se adaptam às formas complexas de nossa vida cotidiana, conforme a condução interacional que elegemos uns para com os outros, dinamizando o que queremos dizer e representar. Ao apresentar a concepção de enquadres como uma estrutura dinâmica, flexível e sensível às influências das intenções e representações dos interlocutores, Goffman estabeleceu um caráter recorrente aos encontros sociais (1974, p.11). Em outras palavras, o dinamismo natural dos enquadres faz com que estes possam ser recuperados a qualquer momento da interação, sinalizando as intenções comunicativas dos falantes envolvidos no enlace interacional e se transformando de conformidade com os objetivos da interação em curso. Nesta perspectiva, Goffman privilegia o falante como agente de mudanças e de condução do envolvimento interacional.

Neste momento final de sua carreira, Goffman pende seus esforços de pesquisa para o sujeito social enquanto agente e representante dos objetivos da comunicação. Ao eleger o falante como centro de suas análises, Goffman (1979) chamou de *footing* a postura, ou alinhamento, dos interlocutores uns em relação aos outros, esclarecendo que a projeção do *eu* de cada indivíduo torna-se explícita e, portanto, visível e identificável no decorrer da interação. Numa íntima relação

com a linguagem em uso (discurso), o *footing* dos falantes expressa a maneira como eles produzem e recebem as elocuições dos outros integrantes da interação, dentro de uma cadeia dinâmica de relações interacionais que reproduzem as realidades sociais de cada interlocutor, esculpindo-as no momento interacional. Nesse *continuum* interativo, *footings* são apreciáveis de acordo com a condução que os falantes oferecem ao encontro social, alinhando-se mediante suas intenções comunicativas, e modificando seus *footings* à medida que escolhem outras estruturas, ou enquadres, interacionais para tornarem manifestos seus objetivos.

Os trabalhos de Goffman ressaltaram a importância de se entender interações entre indivíduos enquanto construções discursivas que se relacionam, intrinsecamente, com as esferas mais amplas do social, do político e de formações ideológico-culturais, dentro de um processo que retrata o todo social (macrosocial) nas manifestações interacionais dos falantes, e vice-versa. Goffman, pois, demonstrou que é na esfera privada, na vida cotidiana, que manifestações sociais são formadas, disseminadas e legitimadas, ganhando vulto à medida que atingem a esfera do senso comum. Desta maneira, o discurso permeia essas manifestações interacionais, conferindo-nos meios analíticos de observar como as macro-estruturas sociais estão presentes na vida cotidiana, e como esta constitui aquelas. Isto posto, pode-se dizer que Goffman foi um dos precursores teóricos da Análise do Discurso anglo-americana (cf. Jaworski & Coupland, 2000).

Ao falecer em 1982, Goffman deixou um legado teórico-metodológico de inestimável importância. Seus trabalhos influenciam, sobremaneira, várias vertentes das ciências humanas, especialmente a psicologia social, a psiquiatria, a sociologia, o direito, os media e, sem dúvida, a lingüística aplicada.

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

A grande preocupação analítica que caracterizou toda a carreira de Goffman foi a atenção voltada para a vida cotidiana, o espaço social em que as ciências humanas buscam dados para levar a cabo suas perquirições científicas.

CONTRIBUIÇÕES DE GOFFMAN AO ENSINO DE LÍNGUAS: ASPECTOS METODOLÓGICOS

No que tange ao ensino de línguas, os estudos de Goffman contribuíram com a noção de interação para os encontros sociais, sendo, por exemplo, a sala de aula um tipo de encontro social. Elegendo a conversação como enfoque de suas perquirições, Goffman abriu espaço teórico para o aperfeiçoamento de métodos de pesquisa em educação, enfocando, sobretudo, a interação social como forma de co-construção de significados. Erickson (1984, 1986, 1996), refinando os métodos Goffmanianos, aplicou-os em pesquisas etnográficas realizadas em ambientes educacionais. Suas análises procuram detalhar o comportamento humano e o significado em contextos interacionais escolares e relacioná-los a um contexto social mais amplo. Dentro desta perspectiva, Erickson alicerça sua pesquisa no paradigma empírico de cunho interpretativo, sem, contudo, permanecer no campo positivista dos questionamentos científicos. Este é, segundo Erickson (1986), o enfoque da pesquisa qualitativa por excelência; ou seja, sistematização e rigor aliados à observação, interpretação e descrição do pesquisador. Nesta mesma linha de pensamento, Laville & Dionne (1999) elegem a metáfora de pesquisador como um *ator* para expressarem as relações dialéticas existentes entre pesquisador e sujeito de pesquisa. Tendo em mente a noção de relações dialéticas como relações discursivas di-

ADAIL RODRIGUES JÚNIOR

nâmicas inseridas numa realidade histórica, cultural e política a que pertencem os sujeitos sociais envolvidos no ambiente de pesquisa, esses autores advogam que

se, nas ciências humanas, os fatos dificilmente podem ser considerados como coisas, uma vez que os objetos de estudo pensam, agem e reagem, que são atores podendo orientar a situação de diversas maneiras, é igualmente o caso do pesquisador: ele também é um ator agindo e exercendo sua influência. (p.33)

Neste aspecto, Erickson (1984) salienta que é indispensável sistematizar as técnicas de coleta de dados em ambientes interacionais escolares, a fim de que o antropólogo-lingüista possa levar a campo um ponto de vista teórico e um conjunto de questões mais sólido, validando, assim, sua pesquisa. Assim fazendo, Erickson dialoga com Magnani (2000, p.37), quando este antropólogo esclarece que a

etnografia não é mera descrição ou recolha de dados a serem posteriormente trabalhados: o que se observa e a forma como se ordenam as primeiras observações já obedecem a algum princípio de classificação e, se não se propõe algum, o que vai presidir e orientar esse primeiro olhar é o senso comum. Que é o que, precisamente, se pretende evitar.

Desta maneira, o pesquisador, considerando a escola uma pequena comunidade, passa a fazer parte do ambiente pesquisado, em cuja instância social a observação ganha aspectos participativos. O pesquisador, pois, deve se preocupar em observar o ambiente de maneira imparcial, embora participando dos eventos sociais que ali se desenrolam. É imprescindível transformar o *local familiar* (neste caso, a escola) em *local estranho*, a fim de perceber e detalhar todas as

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

ações sociais que ocorrem no ambiente escolar, mesmo que essas ações sejam comuns e corriqueiras para o pesquisador (cf. Erickson, 1984, p.62-3). Nos dizeres da antropóloga Maria Lúcia Montes (2000, p.301), tal atitude do pesquisador nada mais é que “[c]onverter o familiar em exótico e (...) ser capaz de arrancar à banalidade do cotidiano o frescor de uma paisagem redescoberta, o brilho fugidio de um instante, o esboço do perfil de desconhecidos que, no entanto, têm como nós nomes próprios, sonhos, ansiedades e projetos (...)”.

Bordejando essa trajetória da pesquisa etnográfica aplicada à pesquisa educacional, gostaria de dialogar com os trabalhos de Kleiman (2002), sobretudo quando esta pesquisadora nos convida a refletir sobre a importância do papel da transdisciplinaridade em pesquisa no ramo da lingüística aplicada. Conforme Kleiman, o redimensionamento e a reelaboração das teorias e métodos de que o lingüista aplicado se vale para investigar seus problemas de pesquisa necessitam, com certa urgência, de dialogar com outros campos disciplinares do conhecimento científico. Áreas como a Antropologia, a Etnografia da Escola, a História Oral e a Sociolingüística Interacional têm sido, segundo Kleiman, vertentes teórico-metodológicas de capital importância para o lingüista aplicado e seu fazer acadêmico, científico e, sobretudo, pedagógico. Em torno dessa reflexão, percebe-se que a interface entre o Interacionismo Goffmaniano, a Etnografia da Escola e a Antropologia, através de uma metodologia que enfatize o pesquisador, os sujeitos de pesquisa e os contextos sociais, culturais e históricos da própria pesquisa, pode despertar nos informantes/professores a reflexão crítica acerca de suas práticas docentes.

Em virtude disso, a *observação participante*, cuja característica principal é a inserção do pesquisador no sistema

de relações sociais, políticas e culturais da organização ou comunidade que investiga, considera a dimensão subjetiva do pesquisador uma condição *sine qua non* para a constituição de significados e, conseqüentemente, para a obtenção de dados que expressem, com mais espontaneidade e naturalidade, as intenções e opiniões de seus informantes (cf. Dubet, 1996; Machado, 1998). Com base nessas premissas, a observação participante caracteriza-se como um método de pesquisa sobretudo descritivo, interpretativo e subjetivo, enfatizando a interpretação de significados constituídos em encontros sociais informais e flexíveis (cf. Gillham, 2000, p.52). Portanto, a observação participante se enquadra, de maneira adequada, dentro dos fundamentos centrais da perspectiva sócio-interacionista, que vê a linguagem em uso como a instância social que constitui significados dialógicos (Bakhtin, 1986), através de estratégias ou negociações interacionais em que interlocutores se envolvem, dinamicamente, num determinado contexto, a fim de produzirem enunciados coerentes (cf. Marcuschi, 2001, p.32-5).

TRABALHO DE CAMPO, OBSERVAÇÃO
PARTICIPANTE, ETNOGRAFIA DA ESCOLA E
SÓCIO-INTERACIONISMO: CONSTRUINDO
SIGNIFICADOS

O trabalho de campo é considerado ferramenta essencial que os antropólogos utilizam para a coleta de dados e sua posterior análise. Eleito como método central de investigação da linguagem em sociedade, o trabalho de campo acena para as interpretações dos variados contextos sociais nos quais os pesquisadores se inserem, na tentativa de extrair desses con-

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

textos formas lingüísticas de significados, além de investigar até que ponto seus informantes são capazes de manipular o caráter social das interações em que participam (cf. Coupland & Jaworski, 1997, p.69).

Neste aspecto, o trabalho de campo retrata as relações de alteridade dos sujeitos de pesquisa, explicitando suas manifestações sociais uns com os outros. Para tanto, o pesquisador precisa se inserir na comunidade pesquisada, elegendo um método de investigação em que exercerá uma relação social bem próxima com seus informantes: aí surge a observação participante. Em outras palavras, para que o/a pesquisador/a consiga coletar dados validados para sua pesquisa etnográfica, ele/a tanto necessita observar a comunidade pesquisada quanto participar das relações sociais dessa comunidade. Na verdade, antes mesmo de observar, o/a pesquisador/a precisa se inserir no contexto pesquisado e conquistar a empatia de seus informantes, a fim de que seja criada uma relação harmônica entre observador/a e observados (Spradley, 1979, p.78-83). Ao utilizar a metáfora “tornar-se nativo”, destacando a inserção social do observador na cultura observada, Silva (2000, p.96) esclarece que, no momento de se registrar os fenômenos sociais e culturais da comunidade pesquisada,

“[a] observação participante (...) previa uma empatia muito maior do pesquisador com o mundo do seu pesquisado, quase que uma transferência psicanalítica, através do questionamento da própria personalidade do pesquisador e de seus fundamentos culturais.”

Tal relação, no entanto, estrutura-se sistematicamente, o que leva algum tempo para se efetivar de maneira concreta, uma vez que, parafraseando Goffman, há todo um ritual dramático e ético, desde a chegada à comunidade pesquisada, a

permissão para a pesquisa, a participação dos eventos culturais e sociais que ali se desenrolam, a conquista da confiança dos informantes e a coleta dos dados propriamente dita, sempre com a preocupação de empoderar os informantes em todas as etapas da pesquisa, contribuindo, assim, para sua conscientização crítica enquanto agentes de mudanças (cf. Cameron et al., 2000).

Outro ponto central dessa metodologia, sobretudo quando se investiga a linguagem em uso, é o fato de que o/a pesquisador/a precisa participar, durante um tempo considerável, das relações sociais da comunidade pesquisada. Além de apreender as nuances culturais desta comunidade, descrevendo-as adequadamente, o/a pesquisador/a necessita articular os traços culturais determinantes e correlacioná-los à linguagem em uso, numa relação que chamo de “mão-dupla”: como a cultura se representa através dos discursos dos informantes e como esses variados discursos auxiliam na constituição da cultura dos observados. Apenas descrever a cultura e registrar os discursos ali presentes não é suficiente – o que se espera é justamente sistematizar categorias lingüísticas mais proeminentes em determinado grupo de informantes e relacioná-las com as formas de construção e representação culturais. Este é o ponto central da interface entre pesquisa etnográfica e lingüística aplicada: conectar formas lingüísticas com práticas culturais particulares (Duranti, 1997, p.84-85).

Vertendo o trabalho de campo e a observação participante para a pesquisa educacional, um aspecto importante para o qual devemos debruçar nossas atenções é o fato de que, como nos lembra Erickson (1984, p.59), contextos educacionais não são estruturas rígidas de manifestação social, mas, sobretudo, formas complexas de representação cultural e social que espelham e, ao mesmo tempo, influenciam a dinâmica

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

sócio-cultural da sociedade. Uma vez eleito o ambiente escolar como campo de observação e participação, torna-se indispensável compreender que a escola é apenas um dos incontáveis meios de transmissão cultural das sociedades pós-modernas, o que conduz o/a pesquisador/a a fazer um recorte de seu campo de investigação e privilegiar o local geográfico em que se situa a escola e a relação entre a escola e a comunidade que a circunda (id. *ibid.*). A partir daí, seguindo a tradição etnográfica de pesquisa, torna-se indispensável observar tudo o que ocorre dentro da comunidade escolar, como *primeiro passo* das investigações a que se propôs o/a pesquisador/a.

Um outro aspecto que Erickson (1984, p.60-61) nos adverte é a questão da subjetividade em pesquisas desse teor. Para Erickson, não há como dissociar a identidade do/a pesquisador/a de sua participação em campo, visto que nossos anseios, comportamentos, pontos de vista e características interacionais se expressam em nossas interpretações. Erickson salienta que a objetividade em pesquisa, conforme o paradigma positivista, em verdade não existe: o que existe é justamente uma *subjetividade disciplinada*, em que a coleta dos dados ocorre dentro da naturalidade e espontaneidade possíveis. Labov (1972), neste sentido, denominou a dinâmica dessa relação entre observador-observado como sendo um *paradoxo*: como coletar dados validados de informantes sem que o/a pesquisador/a influencie a produção espontânea desses dados por parte dos sujeitos pesquisados? É justamente neste ponto que a observação participante é eleita como método mais viável de coleta de dados, devido ao fato de que há uma relação mais naturalizada entre observador e observado, o que facilita uma produção “quase-espontânea” da fala dos informantes, *embora não exista uma produção de fala totalmente neutra em*

contextos de pesquisa. A influência do/a pesquisador/a sempre existe, tornando-se até mesmo uma necessidade (cf. Machado, 1998).

Durante todo o processo de pesquisa de campo, em que o/a pesquisador/a investiga e participa das relações sociais no ambiente escolar em que está inserido, é fundamental tomar notas e fazer observações escritas dos eventos que ali ocorrem. Ao tomar notas, o/a pesquisador/a registra os eventos que mais se lhe sobressaíram aos olhos, anotando tais fatos para, posteriormente, recuperá-los em suas análises. Torna-se importante constar nestas notas algumas das categorias de análise do fenômeno interacional desenvolvidas por Goffman, como, por exemplo, as características dos variados enquadres no ambiente escolar e como eles são constituídos, suas dinâmicas e suas relações com os discursos dos informantes (Goffman, 1974).

Após investigar o contexto escolar, chega o momento de pesquisar como os professores se relacionam com esse contexto e de que forma eles mesmos auxiliam na construção dos significados culturais que compõem o contexto educacional através de seus próprios discursos. Neste momento da pesquisa, a *sessão de grupo* (Labov, 1972; Wolfson, 1997) tem demonstrado ser um método que minimiza a influência do observador sobre os observados, visto que há uma interação coletiva entre os interlocutores, em cuja interação os participantes produzem falas com um certo grau de naturalidade que não se verifica em entrevistas mais estruturadas. O que se defende em favor dessa metodologia é a atenção voltada para o(s) tema(s) proposto(s) para discussão, o que distancia a atenção dos interlocutores sobre o gravador e de como o/a pesquisador/a observa seus informantes, uma vez que este/a igualmente participa da interação.

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

Durante a sessão de grupo, um mosaico de categorias discursivas emerge, dados estes que naturalmente conduzem a pesquisa para a focalização de alguns fenômenos lingüísticos e para-lingüísticos da fala dos informantes (estilo de fala, pausas, tempo de fala, hesitações, entonação, etc.). Esse enfoque privilegia o discurso situado, ou seja, como os falantes produzem significados culturais e mantêm relações sociais em contexto; além disso, como falantes e ouvintes se inter-relacionam e até que ponto as intenções de quem fala são inferidas pelos seus ouvintes num jogo semântico-discursivo de variadas significações (Gumperz, 1982/2002).

Ao vislumbrar essas categorias de análises, o/a pesquisador/a tem nos estudos de Goffman um arsenal teórico para amparar suas análises e sustentá-las conforme seus propósitos de pesquisa. Um exemplo disso está na relação entre a noção de *trabalho de face* e o uso da *entonação* na produção discursiva dos falantes. Em pesquisa com professores de inglês como língua estrangeira da rede municipal de Belo Horizonte, Souki (2003) demonstrou, através da sessão de grupo e da observação participante, embora privilegiando a categoria interacional de *footing*, como a entonação empregada pelos professores-informantes expressava suas percepções sobre as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais/Língua Estrangeira do ensino fundamental (PCN/LE). Quando os informantes aumentavam a entonação de seus enunciados, tornava-se clara, em alguns momentos, a importância imputada àquela informação, sendo que, na maioria das vezes, essa informação expressava o valor ideológico e político que os PCN/LE representavam para os professores e como estes norteavam suas práticas pedagógicas a partir deste documento referencial. Em contrapartida, nos momentos da interação em que os informantes utilizaram baixa entonação foram significativas as

discordâncias acerca da real importância e aplicabilidade dos PCN/LE em suas necessidades pedagógicas. Durante suas falas, ao usarem entonação elevada os professores expunham suas faces interacionais, tornando explícita suas identidades enquanto atores sociais engajados na melhoria de seus fazeres pedagógicos, ao passo que, quando utilizavam entonação baixa, seus trabalhos de face, ou valor social positivo requisitado para si mesmos e para os outros interlocutores, perdiam ênfase, desconsiderando, portanto, relações de parcimônia entre os temas discutidos nas sessões de grupo.

Noutras palavras, Souki mostrou que a face dos professores investigados expressava características emocionais conforme as intenções comunicativas dos falantes e as inferências conversacionais dos ouvintes. Ademais, Souki esclarece que, pela relação das categorias de face dos professores, do quadro dinâmico da sessão de grupo e algumas pistas linguísticas da fala espontânea desses informantes, tornou-se evidente a carga ideológica dos PCN/LE sobre os professores observados, fazendo com que estes utilizem-no em suas práticas e reflexões pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu ensaio seminal intitulado “Goffman”, Lemert (1997) apresenta uma biografia acadêmica de Erving Goffman e sua importância para as pesquisas sociais da pós-modernidade. Nos tempos atuais, em que as discussões sobre educação e sua relação com seus sujeitos integrantes permanecem no limiar entre as necessidades fundamentais do processo pedagógico e a busca de mais explicações acerca do fenômeno de constituição dos sujeitos sócio-históricos (Silva,

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

2000), as teorias de Goffman podem servir de base para esclarecimentos sobre essas discussões vigentes. Dada a ininterrupta e dinâmica troca de significações que o contexto escolar proporciona e dissemina, Goffman pode lançar luz sobre os fenômenos interacionais que ali se expressam, oferecendo categorias de análise e investigação intimamente relacionadas com a linguagem em uso. Como sublinhou Goffman, no decorrer de seus trabalhos, as várias interações em que participamos ativamente são rituais que, na verdade, fazem emergir nossos anseios e pontos de vistas, expondo nossas faces conforme os enquadres que construímos dinamicamente com o amparo de nossos discursos.

Lemert (1997, p.xli) nos convida a refletir sobre as contribuições de Goffman aos estudos das ciências humanas, especificamente à interação conversacional. Em suas palavras:

Se você ainda não sabe porque ler Goffman nos dias de hoje, então se pergunte como você e outras pessoas que você conhece exercem suas influências no mundo como ele é apresentado. Se todas as suas relações sociais são importantes, todos os seus dados claros e límpidos, todas as notícias cuidadosamente dignas de crédito à medida que são passadas para você, então Goffman pode não lhe ser útil. Se, ao contrário, um telefone toca, um som estéreo está ligado, ou uma televisão anuncia sua voz em algum lugar da vizinhança (...); se você foi retirado de sua leitura para atender à necessidade de alguém com anseios totalmente diferentes daquilo que você fazia; e, se você acredita que o mundo, em sua extensa dimensão, é atualmente um mundo de discórdia moral, depressão social e intromissões mediadas, cuja estrutura é a dinâmica da participação social

ativa, então Goffman pode lhe ser útil.⁶

Percebe-se, então, que as relações sociais dinâmicas comuns no ambiente escolar, em cuja estrutura a complexidade da vida social se expressa e concomitantemente se constitui, podem ser investigadas a partir do arcabouço teórico e metodológico que Goffman nos legou. Juntamente com as teorias do discurso e os métodos etnográficos de pesquisa em contextos educacionais, as categorias de expressão do *eu* do indivíduo e sua relação com o aspecto sócio-cultural que o cerca abarcam, sem dúvida, um elenco de fenômenos sociais de extensa significação para as pesquisas em educação.

Neste ensaio, portanto, tentei mapear algumas teorias que Goffman enfatizou em sua carreira acadêmica, correlacionando-as com a Etnografia da Escola, a observação participante e a sessão de grupo. Essencialmente, neste ensaio procurei sugerir algumas categorias de análise empírica ou de campo para investigações de contextos educacionais, sobretudo com professores de línguas e suas relações com o ambiente escolar a que pertencem, ressaltando, claramente, a importância de respaldar nossas perquirições científicas neste

⁶ Minha tradução livre de: “If you still wonder why read Goffman today, then ask yourself how you, and others you know, work in the world as it is. If all your relations are primary, all your data are clear and clean, all your news thoroughly trustworthy just as it is told you, then Goffman is not for you. If, contrariwise, there is a telephone ringing, a stereo playing, or television running itself off somewhere in your neighborhood (...); and, if you have been brought up out of the place of your reading to attend to some interruption that required attention to another’s world, so different at the moment from that to which you are attending; and, if you believe the world, in the larger sense of the world, is today one in which the moral discord, social depression, and mediated intrusions are the working stuff of lively social participation, then Goffman is for you” (Lemert, 1997, p.xli).

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

campo específico de pesquisa com a base teórica e metodológica do sócio-interacionismo Goffmaniano. Por fim, busquei demonstrar que é a prática social dos sujeitos que confere sentido ao contexto em que eles atuam, bem como as regras de conduta e os preceitos ideológicos inerentes ao espaço social, ou enquadre, legitimam ou não os vários comportamentos dos agentes sociais inseridos nesses contextos. Entender, pois, o limiar entre o sujeito e seu espaço de atuação social é, sem dúvida, um desafio àqueles que investigam a Escola e seus discursos, em cuja dinâmica Goffman pode clarear rumos e propor novas formas de reflexão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.M. *Speech Genres & Other Later Essays*. Trad. Vern W. McGee. Austin: University of Texas Press, 1986.

BATESON, G. Uma Teoria sobre Brincadeira e Fantasia. Trad. Lúcia Quental. In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2.ed. São Paulo: Loyola, p.85-105, 2002. (Originalmente publicado em 1972).

BRANAMAN, A. Goffman's Social Theory. In: LEMERT, C. & BRANAMAN, A. (eds.). *The Goffman Reader*. UK: Blackwell, p.xlv-lxxxii, 1997.

CAMERON, D. et al. Power/Knowledge: The Politics of Social Science. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (eds.). *The Discourse Reader*. 2nd imp. London & New York: Routledge, p.141-157, 2000.

CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro:

ADAIL RODRIGUES JÚNIOR

Editora UFRJ, 1998.

DUBET, F. Observação Participante. In: OUTHWAITE, W. & BOTTOMORE, T. (eds.). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Trad. Álvaro Cabral e Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.532-533, 1996.

DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ERICKSON, F. Ethnographic Microanalysis. In: MCKAY, S.L. & HORNBERGER, N.H. (eds.). *Sociolinguistics and Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, p.283-306, 1996.

_____. Qualitative Methods in Research on Teaching. In: WITTROCK, M.C.(ed.). *Handbook of Research on Teaching*. 3rd ed. New York & London: Macmillan, p.119-161, 1986.

_____. What Makes School Ethnography 'Ethnographic'? *Anthropology & Education Quarterly*, v.15, s/n, p.51-66, 1984.

GILLHAM, B. *Case Study Research Methods*. London & New York: Continuum, 2000.

GOFFMAN, E. Footing. *Semiotica*, v.25, n.1/2, p.1-29, 1979.

_____. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper & Row, 1974.

_____. *Interactional Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.

_____. *Relations in Public: microstudies of the public order*. New York: Basic Books, 1971.

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

_____. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, v.66, s/n, p.133-6, 1964.

_____. *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Anchor Books, 1959.

GUMPERZ, J. *Convenções de Contextualização*. In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. *Sociolinguística Interacional*. 2.ed. Rio de Janeiro: Loyola, p.149-182, 2002. (Originalmente publicado em 1982)

JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (eds.). *Sociolinguistics: a reader*. New York: St. Martin's Press, 1997.

_____. *The Discourse Reader*. 2nd imp. London & New York: Routledge, 2000.

KLEIMAN, A.B. A Interface de Questões Éticas e Metodológicas na Pesquisa em Linguística Aplicada. In: SILVA, D.E.G. da & VIEIRA, J.A. (orgs.). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Ed. UnB e Editora Plano, p.187-202, 2002.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. *A Construção do Saber: manual de metodologia em ciências humanas*. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Adaptação de Lana Mara Siman. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEMERT, C. "Goffman". In: LEMERT, C. & BRANAMAN, A. (eds.). *The Goffman Reader*. UK: Blackwell, p.ix-xliii, 1997.

MACHADO, A.M.N. A Dimensão Subjetiva na Pesquisa. *Espaço Pedagógico*, v.5, n.1, p.103-117, 1998.

ADAIL RODRIGUES JÚNIOR

MAGNANI, J.G.C. Quando o Campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J.G.C. & TORRES, L.L. (orgs.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp; Fapesp, p.15-53, 2000.

MARCUSCHI, L.A. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MONTES, M.L. Posfácio. In: MAGNANI, J.G.C. & TORRES, L.L. (orgs.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp; Fapesp, p.299-318, 2000.

NICOLAU, E. *A Pesquisa Sociolingüística: como coletar dados adequados de forma eticamente correta nos termos da resolução 196/96 do cns?* Belo Horizonte: FALE/UFMG, s/d. (mimeo)

RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. *Sociolingüística Interacional*. 2.ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

SILVA, T.T. da. Monstros, Ciborgues e Clones: os fantasmas da pedagogia crítica. In: SILVA, T.T. da. (org.). *Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, p.11-21, 2000.

SILVA, V.G. da. *O Antropólogo e sua Magia*. São Paulo: Edusp, 2000.

SOUKI, J.D.O. *Ouvindo as Vozes da Escola: percepções de professores de inglês sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais/Língua Estrangeira (5ª - 8ª séries)*. 98ff. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada não publicada. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.

SPRADLEY, J.P. *The Ethnographic Interview*. Belmont, CA: Wadsworth Group & Thomson Learning, 1979.

METODOLOGIA SÓCIO-INTERACIONISTA

WOLFSON, N. Speech Events and Natural Speech. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (eds.). *Sociolinguistics: a reader*. New York: St. Martin's Press, p.116-125, 1997.

Recebido: Junho de 2004.

Aceito: Julho de 2004.

Endereço para correspondência:

Adail Sebastião Rodrigues Júnior
Rua Riachuelo, 1.803
30720-060 - Padre Eustáquio
Belo Horizonte - MG
adail.sebastiao@terra.com.br